



Antônio Carlos Miguel
Diário e delírios de um viajante do Planeta Música

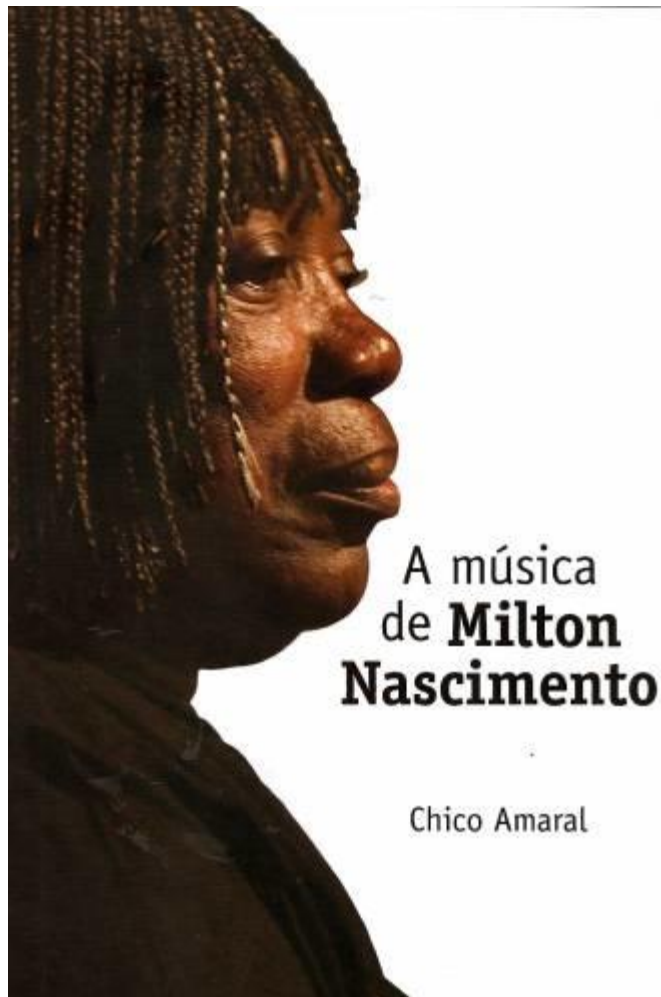


miltonascimento

ter, 27/08/13 por Antônio Carlos Miguel | categoria crítica | tags Chico Amaral, livro, Milton Nascimento

Os CDs físicos continuam chegando, e três dos cinco novos merecerão algumas linhas abaixo, mas, antes, algumas impressões sobre um livro entrevista que chegou ontem, no fim da tarde.

A bibliografia musical brasileira ganha muito com “**A música de Milton Nascimento**” (Editora Gomes, Belo Horizonte, 2013), de **Chico Amaral**. Também músico (seja em carreira solo ou como saxofonista e letrista de sucessos do Skank e também parceiro de, entre outros, Ed Motta, Lô Borges, Erasmo Carlos, Beto Guedes e o próprio Milton), Amaral introduz sua tese – após a bossa nova, Milton, e não a Tropicália, foi o grande avanço na linha evolutiva da canção popular brasileira – e desfia a abrangente rede de referências do carioca-mineiro, para em seguida, editar o conteúdo de sete conversas, de três horas cada, feitas através de 2012, ano em que seu personagem completou 70 anos. Além dessas com Milton, o autor



entrevistou amigos e parceiros como Wagner Tiso, Eumir Deodato, Nivaldo Ornelas, Kiko Continentino, Nelson Ângelo, Amilton Godoy... e faz uma análise técnica de algumas das que elege com obras seminais do compositor.

Entre as referências, a de um contemporâneo e conterrâneo, Edu Lobo, o compositor que, a partir das referências pernambucanas, fruto de suas férias em Recife, terra de seu pai, abriu o leque, incorporando ciranda, frevo, toada, maracatu à nascente MPB pós bossa nova. Edu (que é da turma de 43 e, portanto, completa seus 70 este ano, mas precisamente, nesta quinta, 29 de agosto, comemorando com um show no Teatro Municipal do Rio que vai virar DVD) somado a Luiz Eça, Jobim, Miles, Debussy, Ângela Maria, Villa-Lobos, Drummond, Aleijadinho, Elis, Caymmi, Yma Sumac, Ary...

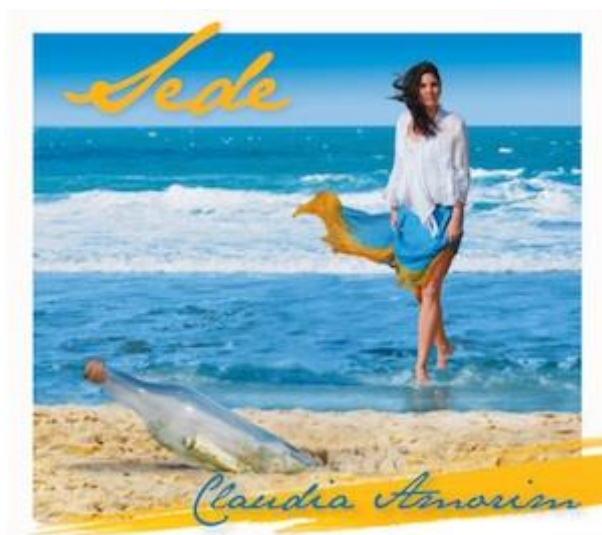
Musicalmente, a tese é irrefutável – os próprios Caetano e Gil já admitiram mesmo que, convenientemente para os quatro, mantiveram a “disputa” com Chico & Edu -, Milton foi quem mais foi além da bossa nova. E mesmo conceitualmente, como, antes desse livro, Ronaldo Bastos vem defendendo – se bem que este é suspeito, como parceiro de Milton e um dos ideólogos do informal Clube da Esquina.

Mas estou apenas no início do bate-papo, após também ter lido o prefácio de Tárík de Souza – para isso, tive que interromper a “deleitura” da terceira versão em português do livro que mais gosto de Ray Bradbury, “Dandelion wine”, dessa vez com a tradução literal do título, “Licor de dente-de-leão”, quando na portuguesa da Argonauta que conheci nos anos 60 era “Cidade fantástica” e na brasileira, dos 90, “O vinho da alegria”.



Passemos, então, aos CDs do início desta semana. **“Tudo presente”** (independente) é autoral de **Paulo Fortes**, que, antes de se lançar como cantor e compositor (e flautista e violonista), trabalhou com jingles e trilha sonoras, foi saxofonista dos Paralamas do Sucesso, estudou na Berklee College of Music, em Boston... A produção, dele e Chico Neves, é bem cuidada, mas o cantor é precário e seus sambas, baladas, toadas chafurdam nos lugares comuns. Nada que empolgue.

Mais interessante é “O samba do Rei do Baião” (independente), de **Socorro Lira** e **Oswaldinho do Acordeon**. A cantora e o acordeonista reuniram temas menos conhecidos de Luiz Gonzaga (e diferentes parceiros), numa abrangência de gêneros. O samba do título é, como o texto de apresentação (de Assis Ângelo) explica, usado num sentido genérico: “‘Vamos prum samba?’ Era assim que antigamente as pessoas convidavam outras para uma festa, onde se podia ouvir – e dançar – ritmos musicais como polca, lundu, valsa, maxixe etc., menos samba no formato como tal conhecemos hoje.” Além do baião, Gonzaga compôs com igual maestria polca, aboio, valsa, calango, maracatu, choro, maxixe, carimbó, fado, xaxado, mazurca, coco... e até samba.



“Sede” (Rit’me) é o terceiro disco da cantora **Claudia Amorim**, e a última produção do também guitarrista Perinho Santana (que morreu no fim do ano passado). Perinho (que, nos anos 70 e 80 participou da Outra Banda da Terra, de Caetano), também gravou violão e guitarra e assinou os bons arranjos do disco – com exceção de duas faixas nas mãos do violonista Luiz Claudio Ramos. Boa cantora, Claudia passeia por repertório quase todo novo, de gente como Simone Guimarães, Mauro Aguiar & Mário Sève, Perinho Santana & Luisa

Nogueira, Vander Lee, Manassés Campos e até o poeta Manoel de Barros (“Amareluz”, musicado pelo violonista e guitarrista Renato Piau, que também participou dessa e de outras faixa do álbum. Entre as canções conhecidas, boas escolhas: “Demônio colorido” (Sandra de Sá), “Tenho sede” (Dominguinhos e Anastácia) e “Você vai me seguir” (Chico Buarque e Ruy Guerra).

Dos dois discos que restaram, recém chegados nesta manhã, “Estrangeiro” (Ekaya/Kalamata Música), do pianista **Pablo Lapidusas**, tem texto meu de apresentação, portanto, passo – mas recomendo, aceitei a encomenda por ter sido conquistado pelo trabalho solo, entre o jazz, o

clássico e o popular, gravado em estúdios de Lisboa, Rio, Buenos Aires, Maputo, Los Angeles e Londres (o Abbey Road). Já **“Porquê da voz”** (independente), do cantor e compositor mineiro **César Lacerda**, causou boa impressão na primeira dose: composições e arranjos ousados que, em outro post, serão comentados.